



Jarvert

A vergonha tomou conta de meu ser, eu senti meu corpo pender para frente do rio como se estivesse sendo chamado, minha honra havia sido morta no instante em que eu percebi meu erro. Eu apenas me joguei ao rio sem mais ou menos, minha mente nublado não me deixava tentar voltar a superfície, eu não queria voltar a superfície. A água arrombou minhas narinas e correu em direção aos meus pulmões, eu fechei meus olhos deixando a água fazer o trabalho de lavar minha alma impura, meus pecados, meu ódio.

Mas, o que me levou a isso?

O que me trouxe pra cá?

Eu poderia ter feito diferente?

Quando dizem que na hora da morte a vida passa diante de seus olhos, não é um blefe, eu vejo cada arrependimento, cada erro, cada acerto, cada mísero detalhe passar sobre meus olhos.

Minha infância monótona e sombria, cujo minha maior preocupação naquele momento era onde eu iria me esconder quando ele chegasse, ao escutar a porta da frente se abrir eu me escondia onde podia: No guarda-roupa de minha mãe, debaixo da cama,

atrás da poltrona em que ele se sentava com a garrafa na mão. Qualquer lugar que não fosse no campo de visão estava perfeito, seria o bastante para ele não quebrar uma garrafa na minha cabeça. Meu pai era um bom homem nas ruas, um policial exemplar mas dentro de casa ninguém sabia como o verdadeiro diabo se comportava, ele bebia toda vez que saía do trabalho, ele chegava em em casa com a roupa bagunçada, as marcas de batom das meretrizes eram visíveis por todo seu pescoço e rosto enquanto nas mãos havia uma garrafa de vinho barato, e ele nunca teve vergonha de chegar assim na frente de sua esposa e filho. Minha mãe, cujo nas mãos dele era feita de boneca e a pobre dama não poderia nem sequer ao menos reclamar, senão, ele apontava seu revolver para o pescoço dela com o ódio explícito naqueles verdes que um dia a conquistaram. Ele se recusava a me olhar quando chegava bêbado em nossa moradia, eu me trancava no quarto apenas sentado atrás da porta enquanto escutava os gritos de agonia de minha mãe, eu sabia o que ele estava fazendo e aquilo embrulhava meu estômago, não importava quanto eu cobrisse meus ouvidos, os gritos

nunca paravam. Alguns meses depois minha mãe me deu a notícia que estava grávida, seus olhos lotados de tristeza e pena lacrimejaram com essa notícia, e eu sabia que não eram lágrimas dela não era de felicidade. Alguns dias depois ele chegou, como sempre, tomado pela bebida e minha reação foi correr ao banheiro. Assim que eu entrei eu simplesmente congelei na porta, minha preocupação havia deixado de ser pego por ele e havia se tornado olhar o chão do banheiro, um corpo caído, o corpo da esposa de meu pai que carregava a filha dele. Meu peito se apertou e eu tremia, eu parei de respirar quando senti a mão dele sobre meu ombro. Seu olhar frio sendo lançado para o corpo da esposa dele e em seguida para mim, as frases dele foram o bastante para mim querer rasgar o pescoço dele usando aquela maldita garrafa.

- Ela foi fraca, Javert.

Dias depois daquilo ele continuou vivendo como se nada tivesse acontecido, o sofrimento dela não foi nada para ele, ela era somente uma peça, um objeto usado para o satisfazer e cuidar do filho. Eu não conseguia passar um dia sem chorar desde então.

Ao longo dos anos eu consegui um emprego como inspetor, eu era bom no que fazia. Fiquei conhecido por descobrir as coisas facilmente e com cautela mas isso até Jean Valjean chegar, eu o prendi e recebi a notícia da fuga dele.

- Bastardo. - eu li a notícia com uma certa descrença, algo ali não batia ou será que seria minha paranóia? tentei seguir fazendo meu trabalho quando Madeleine apareceu. Era realmente um homem robusto e gentil mas havia algo ali, eu realmente sentia que havia. Eu procurava por pistas, provas para reforçar minha suspeito que Madeleine e Jean Valjean eram a mesma pessoa, até mesmo o confrontei pessoalmente mas nada! Será que os anos já estão fazendo efeito sobre mim? não, impossível, foi apenas um palpite errado, não estou tão velho. Os dias se passaram e finalmente acharam Jean Valjean, assim que coloquei meus olhos nele percebi que eu estava certo, aquele homem poderia parecer com Jean Valjean mas não era ele. Eu parti novamente para confrontar Madeleine agora que eu sei sobre o segredo dele, não importando o quanto ele negue, não importando o poder dele como

prefeito, ninguém estava acima da lei e muito menos um criminoso. Mas mesmo que ele negue, ele não deixaria outro ser humano morrer no lugar dele não é? ele não seria tão cruel a esse ponto, mas, só posso esperar e observar a ações deste ladrão banhado em escória, eu o avisei, o ameacei e esperei por suas ações no dia do julgamento e foi como o esperado. Na frente de toda a corte ele revelou ser Jean Valjean. Ele havia sido preso mas então por que eu me sentia culpado? ele era um criminoso e e eu apenas fiz meu trabalho. Ele havia citado uma criança, filha de uma meretriz que acabou por falecer, me pergunto o teria acontecido com ela com a prisão de Jean Valjean. Um tempo depois recebi a notícia do falecimento dele, q causa da morte me deixou levemente surpreso, por que ele tentaria ajudar outro condenado? aquilo não fez muito sentido para mim mas ao decorrer dos acontecimentos que me trouxeram até aqui eu percebo que tive a visão errada deste pobre homem.

Conforme meu corpo afundava no profundo rio eu sentia minhas preocupações se esvaecendo mas eu não podia deixar de pensar no que fiz, eu cometi um crime perante a lei que passei a vida zelando.

acabei de me convencer agora, apenas agora, que toda a perseguição de décadas não passava de crime contra um homem de Deus, condenei este pobre homem por seus atos mas acabei fazendo pior que ele. A culpa iria sumindo de meu corpo levando junto a ela minha vida, me restam alguns segundos mas o que mais posso fazer? minha infância foi monótona e quando eu menos percebi transformei minha vida monótona. Meu foco baseado em trabalho e ficar a mercê da lei me impediram de ser melhor, tenho arrependimentos, talvez eu deveria ter me aventurado mais, conhecido uma mulher decente e talvez ter me esforçado para ser melhor que meu pai, mas, já está tarde, não tenho mais o direito de basear minha vida em "talvez" e "e se" entretanto quem sabe em outra vida eu tenha o direito a paz e tranquilidade onde minha única preocupação será no que irei comprar de presente aos meus filhos. Senti meu corpo tocar o solo do rio, fechei meus olhos enquanto deixava meus pulmões se afogarem, eu não me debati, eu não supliquei por ar, apenas aceitei meu destino e pensei como iria fazer para ser melhor em minha próxima vida, mas, está tudo bem, mesmo na

próxima vida, eu serei Javert porém melhor.